



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RAVINY LARISSA DA SILVA RAMOS

**O MUSEU COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE/PB**

**CAMPINA GRANDE
2022**

RAVINY LARISSA DA SILVA RAMOS

**O MUSEU COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof.^a Dra. Suellen Silva Pereira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R175m Ramos, Raviny Larissa da Silva.

O museu como recurso didático-pedagógico no ensino de geografia [manuscrito] : uma análise no contexto da cidade de Campina Grande/PB / Raviny Larissa da Silva Ramos. - 2022.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Suellen Silva Pereira , Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Museu. 3. Recurso didático. I.

Título

21. ed. CDD 372.891

RAVINY LARISSA DA SILVA RAMOS

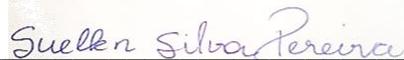
O MUSEU COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 06 / 04 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Suellen Silva Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^o Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Caline Mendes de Araújo
Secretária Estadual de Educação, Cultura e Tecnologia (SEECT/PB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa de Localização da Área de Estudo	15
Figura 02 - Pesquisa dos museus em Campina Grande/PB.....	17
Figura 03 - Localização dos Museus selecionados para a pesquisa.....	19
Figura 04 - Museu Fonográfico Luiz Gonzaga.....	20
Figura 05 - Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande/PB.....	21
Figura 06 - Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP).....	21
Figura 07 - Museu de Arte Assis Chateaubriand (FURNE).....	22
Figura 08 - Museu Digital do SESI.....	22
Figura 09 - Museu Vivo de Ciência e Tecnologia.....	23
Figura 10 - Museu do Algodão – Estação Velha.....	23
Figura 11 - Distribuição espacial de escolas e museus na cidade de Campina Grande.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos museus existentes na cidade de Campina Grande/PB.....	18
Quadro 2 - Competências BNCC – Ensino de Geografia.....	25
Quadro 3 - Plano de Aula 01.....	26
Quadro 4 - Plano de Aula 02.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	A formação inicial do professor de Geografia.....	10
2.2	A Geografia cultural e o ensino de Geografia.....	13
2.2.1	Geografia e museu: possibilidades de estudo sobre a produção do espaço geográfico	14
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
3.1	Caracterização Geográfica da área de estudo.....	15
3.2	Caracterização da Pesquisa	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1	Um olhar para a cidade de Campina Grande/PB: caracterização dos museus.....	18
4.2	Trabalhando com o museu nas aulas de Geografia: uma proposta didático-pedagógica.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	29

O MUSEU COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB

THE MUSEUM AS A TEACHING-PEDAGOGICAL RESOURCE IN TEACHING GEOGRAPHY: AN ANALYSIS IN THE CONTEXT OF THE CITY OF CAMPINA GRANDE/PB

Raviny Larissa da Silva Ramos¹
Suellen Silva Pereira²

RESUMO

O presente estudo tem como tema o museu como recurso didático-pedagógico no ensino de Geografia, partindo da abordagem do acervo e temática dos museus que a cidade dispõe. Os diferentes contextos como a história, a localização e a região, encontrados num âmbito cultural como o museu, trazem a abordagem dinâmica na preparação de um roteiro para aula que, conseqüentemente, contribui para o desenvolvimento e o pensar crítico do alunado. Esse método no qual os alunos visitam os museus, facilita a compreensão do que antes aprendiam com base na teoria vista em livros, passando à prática do que foi abordado na sala de aula. Objetiva-se, a partir dessa pesquisa, entender como o processo formativo é importante na formação do docente e como utilizar o museu como um auxílio para as aulas de Geografia. O museu é um recurso potencialmente valioso quando se trata de cultura e meios de compreender eventos presentes e passados, atrelado aos conteúdos da Geografia. A pesquisa resultou no mapeamento dos museus disponíveis na cidade de Campina Grande/PB que contam não só a história e cultura do município, mas trazem acervo referente a região do Nordeste, e possibilita a diversos municípios utilizar dessa ferramenta pedagógica como parte da educação visual, que por sua vez apresenta relevância no processo de aprendizagem dos alunos e na construção da cidadania e cultura. Apresentando, ao final, possibilidades didático-pedagógicas de trabalho com o museu em sala de aula, levando em consideração os conteúdos geográficos e o contexto local. Observou-se, após a realização da pesquisa, o quão rico é esse universo e o quanto pode vir a contribuir positivamente para a construção do conhecimento crítico do aluno, aproximando-os de instrumentos que por vezes não fazem parte do cotidiano destes.

Palavras-chaves: Ensino de Geografia. Museu. Recurso didático.

ABSTRACT

The present study has as its theme the museum as a didactic-pedagogical resource in the teaching of Geography, starting from the approach of the collection and thematic of the museums that the city has. The different contexts such as history,

¹Graduanda em Licenciatura em Geografia (UEPB).

² Licenciada em Geografia/UEPB. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente UFPB/UEPB. Doutora e pós Doutora em Recursos Naturais/ UFCG. Professora Substituta do Curso de Geografia da UEPB. E-mail: suellensp@hotmail.com

location and region, found in a cultural context such as the museum, bring the dynamic approach in the preparation of a script for the class that, consequently, contributes to the development and critical thinking of the students. This method, in which students visit museums, facilitates the understanding of what they used to learn based on theory seen in books, passing to practice what was covered in the classroom. The objective, from this research, is to understand how the training process is important in teacher training and how to use the museum as an aid for Geography classes. The museum is a potentially valuable resource when it comes to culture and means of understanding present and past events, linked to the contents of Geography. The research resulted in the mapping of the museums available in the city of Campina Grande/PB that not only tell the history and culture of the municipality, but bring a collection referring to the Northeast region, and allows several municipalities to use this pedagogical tool as part of visual education, which in turn is relevant in the students' learning process and in the construction of citizenship and culture. Presenting, at the end, didactic-pedagogical possibilities of working with the museum in the classroom, taking into account the geographic contents and the local context. It was observed, after conducting the research, how rich this universe is and how much it can contribute positively to the construction of the student's critical knowledge, bringing them closer to instruments that are sometimes not part of their daily lives.

Keywords: TeachingGeography. Museum. Didacticresource.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância do museu como recurso didático nas aulas de Geografia, enfatizando seu uso por parte dos professores na educação básica. Com isso, busca-se evidenciar a necessidade de conteúdos ministrados que façam ligações com os acervos museológicos, haja vista que uma visita ao museu com o correto direcionamento da temática a ser estudada contribui para o processo de ensino-aprendizagem. Em meio a uma sociedade que cada dia mais desconhece os aspectos culturais com tamanha facilidade, no qual a era da tecnologia entra em cena e a atenção dos alunos se esvai, chega ao ponto que haja a necessidade de alternativas que possam melhorar a compreensão e a atenção dos discentes.

Não é a forma de utilização de um recurso que vai definir ou garantir uma boa aprendizagem, mas a junção de diversas categorias e critérios. Vivemos num mundo onde ensinar e aprender exigem mais que dominar o conteúdo, e o papel do professor passa a ser além daquele que compartilha o saber, mas agora é voltado para esse docente um olhar de que possam dinamizar suas aulas. Os conteúdos sejam de fácil compreensão, usem recursos que seus alunos não tenham acesso diariamente, tornando suas aulas diferentes das que costumam assistir no dia a dia, e os museus são uma das alternativas de recurso didático.

A existência de uma relação entre escolas e museus tem sido cada vez mais evidenciada, com o passar dos anos a presença de maiores números de produções acadêmicas envolvendo a temática foi emergindo e se tornou pertinente para a nova geração que busca uma maneira de interação. A escolha para tal tema surgiu devido a importância de ter o museu como auxílio didático-pedagógico, e conseqüentemente, associa-se na facilidade de compreensão para temáticas diversas. A teoria passa a ser realidade, ou seja, o que é estudado em teoria passa a ser visto na prática em uma visitação.

A finalidade deste trabalho é fornecer uma visão das possibilidades de novos recursos como o museu e a educação, no qual aborde questões referentes ao ato de ensinar e ao uso de outras metodologias. Que atuam como complemento e contribuição para um ensino mais consciente e proveitoso, indicando-o como uma sugestão a ser trabalhada nas aulas de Geografia. Assim sendo o presente trabalho tem como proposta fundamental abordar a importância do museu como um recurso didático-pedagógico no ensino de Geografia evidenciando a contribuição, o objetivo e a prática que o referido recurso tem no processo de ensino/aprendizagem; apresentando, por fim, sugestões metodológicas para se trabalhar com o museu nas aulas de Geografia, levando em consideração o contexto local.

O trabalho se organiza, afora essa parte introdutória, com a Fundamentação Teórica com o primeiro tópico abordando a formação do professor de Geografia. Posteriormente, apresenta-se a importância da pesquisa de campo para a compreensão da produção/reprodução do espaço geográfico. Logo em seguida, a discussão teórica continua com um tópico enfatizando a relação da Geografia Cultural e do Ensino de Geografia, tendo nos museus uma intersecção entre essas áreas de estudo da Geografia.

Em seguida, é apresentado o caminho metodológico que orientou as construções dessas reflexões, que se pautou em uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo estas realizadas com base em artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações e documentos oficiais. Posteriormente, efetuou-se um levantamento dos museus existentes na cidade em estudo, qual seja, Campina Grande/PB, onde foi possível selecionar sete unidades para uma análise mais detalhada e a construção de propostas metodológicas tendo como recurso o museu.

Por fim, são apresentados os resultados e discussões do artigo em pauta, em que foi possível observar o quão rico é o acervo museológico disponibilizado na cidade alvo da pesquisa, sendo plenamente viável a introdução desses instrumentos culturais na construção do conhecimento geográfico dos discentes. Desse modo, tendo como referência alguns dos museus selecionados para análise da presente pesquisa, foram elaboradas duas propostas metodológicas como forma de inserir o museu como uma possibilidade de recurso didático-pedagógico a ser trabalhado nas aulas de Geografia, levando em consideração o contexto da cidade de Campina Grande/PB.

Pelo exposto observa-se que a Geografia não se trata de um conteúdo fechado e nem de um assunto limitado que nos impede de refazê-la a todo o tempo. A Geografia é rica em saberes e precisa ser conhecida pelo educador, que deve ser um facilitador de acesso ao conhecimento transmitido para seu alunado. Assim, o museu é um instrumento de conexão entre o saber teórico e o prático, pois apresenta fragmentos que retratam as modificações que foram ocorrendo em nossa sociedade, sendo estes o lugar, a paisagem suas modificações, sua territorialidade, tornando-se a materialização e complementação do conhecimento adquirido em sala de aula.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A formação inicial do professor de Geografia

Ao dialogar sobre a formação inicial do Professor de Geografia, tende-se a analisar o passado da sua trajetória, que durante seu conhecimento estudantil pode ser absorvido, questionamentos são levantados, surge o pensar crítico etc. Compreender que o professor não expõe apenas seus saberes, mas os diversifica, torna-se de grande valia, trazendo seus conhecimentos transcendentais para a sala de aula.

O que chama atenção é a questão da formação fragilizada, que ao adentrar no âmbito escolar as dificuldades começam a surgir, limitando o docente de seguir alguns planos, e gera a necessidade de que possam pensar maneiras de reverter determinadas situações. Preocupada com a formação do futuro professor, Castellar (1999, p. 51) faz o seguinte questionamento: “Será que os professores dominam a prática e o conhecimento especializado com relação à educação e ao ensino? Em termos gerais, a resposta é não”. A autora citada explica que só a teoria não é o bastante para conhecer o alunado, muita coisa do que se aprende na grade curricular sofre mudança, havendo diversas situações que o professor encontrará em sala de aula, não há uma formação inicial que dê suporte para que o professor possa prever os acontecimentos diversos quando se adentra no ensino.

É importante levar em consideração e, por conseguinte, repensar a formação inicial do professor de Geografia pois, essa formação inicial engloba os saberes do qual o docente tem durante a licenciatura. O domínio do ensinar, como ensinar, utilização de novos recursos, os saberes pedagógicos e didáticos e etc., deve ser enfatizado na formação de professores. Há a possibilidade que surja a leitura crítica da realidade, que o professor tome iniciativas no sentido de superar os desafios colocados pela profissão (MARTINS, 2015, p. 253).

Outro ponto que se faz pertinente é a experiência que os alunos da licenciatura vão adquirindo ao longo da prática docente. É realizada durante a formação inicial desses professores diversas atividades que são desenvolvidas com alunos de escolas – durante a realização de estágios e outras atividades que levam o futuro docente ao cotidiano escolar – devem ser promovidas cada vez mais. Nesse contato com tais ambientes os futuros docentes passam a entender e trilhar seus planos, construindo assim uma identidade de professor permeada nas atividades práticas (MARTINS, 2015, p. 259). Durante a formação acadêmica do docente o seu papel de ensinar é colocado em diversos contextos, no qual tem seu significado atrelado ao saber neutro, em que o docente não questiona o aluno sobre ideias e compromete o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o saber ele é adquirido com o questionar, com o aprofundamento da criticidade.

Com o passar dos anos, a teoria não teve seu complemento com a prática, ou seja, a teoria apenas pela teoria, no entanto quando é possível fazer a junção da prática essa compreensão de conteúdo é melhor absorvida. Ao analisar o histórico da disciplina geográfica na escola podemos perceber momentos que a teoria é baseada apenas nos livros sem haver o complemento da prática. As queixas referentes ao componente de Geografia na educação básica têm-se algumas afirmações como a disciplina é chata, repetitiva, enfadonha, simplória, decorativa, cansativa, etc. Os adjetivos usados para nomear esse componente, onde é utilizado apenas o livro didático para compor uma aula.

Percebe-se que mesmo com o avanço tecnológico e os demais meios ligados culturalmente e fisicamente a disciplina quase nada mudou em sua abordagem e o contexto de relatos ainda se apresentam os mesmos. A teoria se refere a tudo já estudado, aprendido durante a trajetória acadêmica por si só não diz muito, no entanto, quando é atrelado a prática. Ganha uma ressignificação, um sem outro fica como um copo meio cheio, ou seja, precisa haver um complemento com a prática do que é aprendido em sala de aula. Pimenta (2002) comenta sobre teoria e prática quando explica que:

Na prática a teoria é outra. No cerne dessa afirmação popular aplicada à formação de professores está a constatação de que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação da futura professora, nem torna a

prática como referência para fundamentação teórica. Que seja, carece de teoria e prática (2002, p.52).

Assim, a partir do momento que informações são apenas lançadas, jogadas sem um contexto acabam não gerando o saber que era pensado. Ou seja, os alunos passam despercebidos no conteúdo, não absorvem nada e torna eficaz a utilização de recursos diversos. Um ponto importante que inúmeras vezes ouvimos falar, daqueles que já estão lecionando, é das burocracias ligadas ao ensinar. No mundo onde é necessário cumprir metas, conteúdos acabam passando por cima de alguns pontos importantes para se chegar ao resultado final. Muitos professores relatam a dificuldade de fomentarem aulas dinâmicas pois são cobrados todos os dias pela própria instituição, e dificulta aulas com recursos diferentes e veem o ensinar com uma visão negativa.

Os deveres do docente no âmbito escolar tornam-se um empecilho para seguir um caminho para aulas atrativas e faz com o que deveria ser algo divertido e proveitoso se torne algo cansativo. Na formação do professor é ensinado a reconhecer os valores que são atrelados aos conteúdos e a sua dinamização voltada para o dia a dia do aluno, para que esses discentes possam construir seus pensamentos críticos, contudo, ficam assim restritos ao conteúdo. Na construção do saber o aluno não pode ficar neutro nos questionamentos, ou o caminho educativo formativo não irá produzir frutos, a indagação leva a verificação de fatos. Quando se traz questionamentos com motivação certa o que era tido como distante acaba se tornando algo próximo.

No âmbito escolar a limitação dos questionamentos assim como a do saber não pode ser feita. É perceptível que algumas escolas acabam fazendo para com seus alunos, como a imposição de rédeas para temas, discursões e projetos. E enquanto esses limites forem sendo estabelecidos se tornará cada vez mais difícil implantar aulas que não sejam cansativas. Assim sendo, o professor tem o papel de instigar a curiosidade do aluno, para que busquem entender assuntos que são pertinentes para sua formação estudantil, que podem ser criticamente aguçados, pois estão trilhando caminhos de informações. Quando os sistemas apenas fazem docentes passarem essas informações de uma forma fracionada, os professores perdem o interesse dos alunos na busca de novos conhecimentos.

Esse limite imposto pela própria instituição escolar dificulta no processo de preparação das aulas quando solicitam aos professores seguirem uma cartilha com os métodos mnemônicos implantados no ensinar. Resulta em aulas robotizadas, que deveriam ser dinâmicas e que ao final da aula pudessem informar com sabedoria o que lhes foi apresentado. Entra em ação o Estágio Supervisionado, que é um dos passos mais importantes para a formação do professor de geografia, onde aprende na prática como desenvolver seu próprio método de ensino. É a oportunidade de errar e aprender, por se tratar de um componente ainda estudado no seu curso conseguem aprender a tirar dúvidas de como melhorar e aprimorar sua profissão.

O agente mediador do conhecimento agora torna-se de extrema importância para passar adiante tais conhecimentos, obtidos apenas na teoria. Podem instigar o conhecimento crítico de seu alunado. Agora todo pensar crítico sobre determinado conteúdo entra em cena, garantindo ao alunado ricas informações. Jovens, juntamente com os professores, formarão opiniões, lapidando suas próprias mentes. Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007):

Além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido significativo a aprendizagem. À medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios

para a interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007.p.97).

Muito já foi dito sobre como esse processo de formação acaba moldando personalidades. Todo processo requer tempo, o do docente também pois antes de chegar nesse ponto tiveram inúmeros caminhos trilhados, oportunidades, inspirações e desafios. Assim, como a infinidade dos saberes, o ensinar torna-se um desafio vivido diariamente no âmbito escolar, a renovação metodológica dentro da sala de aula por ser constante é desafiadora. A sala de aula apenas com métodos mnemônicos torna-se desgastante, pouco atrativa para alunos que assistem durante determinado período diversos conteúdos lecionados da mesma forma mudando apenas o segmento explicado.

Quando colocamos alunos para participarem e interajam com o conteúdo ministrado a atenção é garantida, a melhoria no seu desempenho pode ser observada e se torna significativo para o processo de ensino e aprendizagem. Esse papel do educador passa de mediação de conteúdos para alguém que ajudará os discentes a traçarem seus próprios caminhos. A prática associada a professores ao longo do tempo estava apenas restrita a transmitir conteúdos para alunos, baseada unicamente na didática clássica, que não havia a interrogação por parte dos alunos, o questionamento era pouco utilizado. Houve um pequeno progresso, contudo, ainda é desafiador aderir a um ensino crítico, pois ainda existem empecilhos por parte do próprio sistema educacional, dificultando esse desenvolver da criticidade.

2.2 A Geografia Cultural e o ensino de Geografia

Quando refletimos sobre a presença da Geografia Cultural na vida dos estudantes temos que compreender o significado do conceito que também pode ser entendido de inúmeras formas. Segundo Bauman (2012, p. 83): “é conhecida e inexorável ambiguidade do conceito de cultura” e para Eagleton (2011, p. 9): “cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua”, ou seja, é difícil classificar a cultura em apenas um contexto pois ela vai depender de onde esteja inserida.

Sabe-se que a Geografia Cultural procura tratar as espacialidades e o que advém dessa espacialidade como o território, a territorialidade, o espaço, o lugar, a paisagem, o poder, de acordo com concepção do pesquisador (CORRÊA, 2020, p.10). As discussões e construções acerca da Geografia Cultural no Brasil surgem na última década do século XX, através dos estudos de Roberto Lobato Corrêa e Zeni Rosendahl no Núcleo de Estudo e Pesquisa Sobre Espaço e Cultura, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CORRÊA, 2020, p.10).

Corrêa e Rosendahl buscaram em Sauer as concepções sobre uma Geografia Humana e Cultural. Desse modo, partiram da ideia de que “a geografia cultural se interessa, portanto pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem segundo Sauer (1998), a Geografia Cultural não se preocupa com energia utilizada, costumes ou crenças dos seres humanos. E sim, com as consequências das ações do ser humano na paisagem. No âmbito museológico, a cultura está inserida para nos contar algo ou fazermos repensar sobre o momento ou o passado.

Partindo do ponto que a cultura poderia ser pensada, pode-se falar sobre acesso a meios culturais como o museu. Muitos jovens não têm acesso a ambientes por uma questão cultural, envolvendo seus familiares e condições financeiras até mesmo incentivos culturais. Quando se analisa o todo, entende-se que os alunos de

classes privilegiadas têm mais acesso a tais espaços, comparado a alunos de classe popular, onde o incentivo financeiro é pouco para adentrar em um ambiente cultural.

É fundamental romper essa barreira que divide classes, onde tem de ser igualitários os acessos, sem escolhas ou distinções. Não pode ser privilégio de alguns a cultura, pois é um instrumento de aprendizagem (e de formação mais ampla dos indivíduos) de suma importância. O saber vindo de tais locais acarreta um conhecimento significativo, com a devida junção do trabalho teórico em sala de aula e a visitação voltado para o conteúdo apresentado.

2.2.1 Geografia e museu: possibilidades de estudo sobre a produção do espaço geográfico

Para compreender a importância do museu como um recurso didático, precisa-se levar em consideração a posição dentro da sociedade, que seria um centro cultural e como tal desempenha uma função social primordial. A princípio, a origem dos museus está relacionada a um hábito humano de colecionar, qual foi percebido desde a pré-história. Algum tempo depois, na Idade Medieval, houve a expansão desse hábito cultural surgindo o renascimento e com ele a exploração do saber. Para fins da visitação pública, o primeiro museu aberto foi criado na França em 1793 conhecido como Museu do Louvre, que por sua vez surgem no século 19 outros museus abertos ao público (BRUNO, 1999).

Segundo Valente (1995, p.7), o papel dos museus na sociedade se dá inicialmente por suas exposições e atividades, desenvolvidas dentro desses espaços, pois são como um dicionário repleto de referências culturais. No olhar de Pessanha (1996), não há como dissociar instituições argumentativas com os museus, pois ele (o museu) se faz tal instrumento de argumentação, eles nos fazem questionar, argumentar e, por fim, possibilitam a educação visual, por conter fatos fotografados, desenhados; A compreensão científica se faz presente através das pesquisas, fatos, inúmeros dados trazidos de um passado distante ou mais recente, contendo indícios de modos de vida, civilizações, construções, clima, tempo, estrutura social, toda essa riqueza de conteúdo, expostos nesses âmbitos culturais mais precisamente num museu.

Partindo desse contexto, entende-se que essas estruturas quando visitadas possibilitam o conhecimento e a construção de opiniões. Sem contar ao acesso do passado e presente. Quando se é apresentado algo real não apenas uma imagem contida num livro, tudo parece se encaixar, por conseguinte, os alunos passam a explorar seu intelecto, a pensar criticamente sobre suas atitudes. Toda essa experiência pode tocá-los de uma maneira que provavelmente anos apenas estudando de maneira tradicional não traria.

A associação da Geografia e museu possibilita não só um ensinar dinâmico que por vezes podem levar o melhor entendimento do que se é tratado, mas pode-se observar claramente essa unificação na fala de Lopes (1991) que chamou de “escolarização dos museus”. Ou seja, os acervos passam a ter mais relevância com os conteúdos ministrados nas escolas, passando a gerar uma harmonia. Quando é formado uma parceria entre escola e museu a contribuição para o saber é imensurável, pois essa união leva o desenvolvimento do potencial estudantil.

Cruz (2010, p.12) reconhece que o interesse escolar pela visitação está ligado diretamente ao programa cultural desenvolvido em cada série. Muitas vezes o programa desenvolvido não estabelece ligações que poderiam ser aproveitadas dentro de um museu e esses professores estariam apenas preocupados em passar o conteúdo sem ligação com a vivência dos discentes. Outro questionamento acerca do

que se pode aprender em um ambiente artístico\cultural, a escola passa de um ambiente apenas de conhecimentos científicos para uma busca cultural. No ensinar em escolas públicas, são verificadas barreiras de acesso aos museus ou qualquer ambiente cultural, pois a sua importância cultural e científica é julgada irrelevante.

Conforme escreve Marandino *apud* Pirola (2010), para além da escola existem diversos espaços de produção e reprodução da informação e do conhecimento, possibilitando a criação, o reconhecimento de identidades, e de práticas culturais e sociais. Para o ensino de Geografia, a educação museológica desenvolve no alunado uma sensibilidade estética, de grande valia, passam a analisar e interpretar em um simples objeto temas, trajetórias, e importâncias culturais e históricas associadas relativamente ao meio social.

Por muitas vezes as escolas associam os museus apenas a um espaço de lazer, um ponto turístico que a cidade dispõe. Mas o valor cultural está muito além. Ao adentrar em tais ambientes, pode-se perceber um mundo novo de possibilidades, principalmente quando associamos ao ensino de Geografia, entende-se que essa ciência não fica resumida apenas a mapas e regiões. Neste sentido, entende-se que o acesso à educação no museu se torna difícil para os alunos, pois depende muito das instituições escolares que determinam se é de relevância o museu para as aulas ou não de Geografia.

É sabido que o ensino de Geografia, assim como outras disciplinas escolares, tende a ser mais complexo, além de ajudar alunos a desenvolverem uma criticidade, levam também em consideração as especificidades dos conteúdos exigidos, tornando-os didáticos com uma pedagogia que se encaixe no ambiente dos museus. Segundo Cavalcanti (2012, p. 45-47) “o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar”. Sendo assim, apesar das dificuldades encontradas no processo de ensinar deve-se induzir a busca de novos ares, novas fontes do saber, para ensinar Geografia.

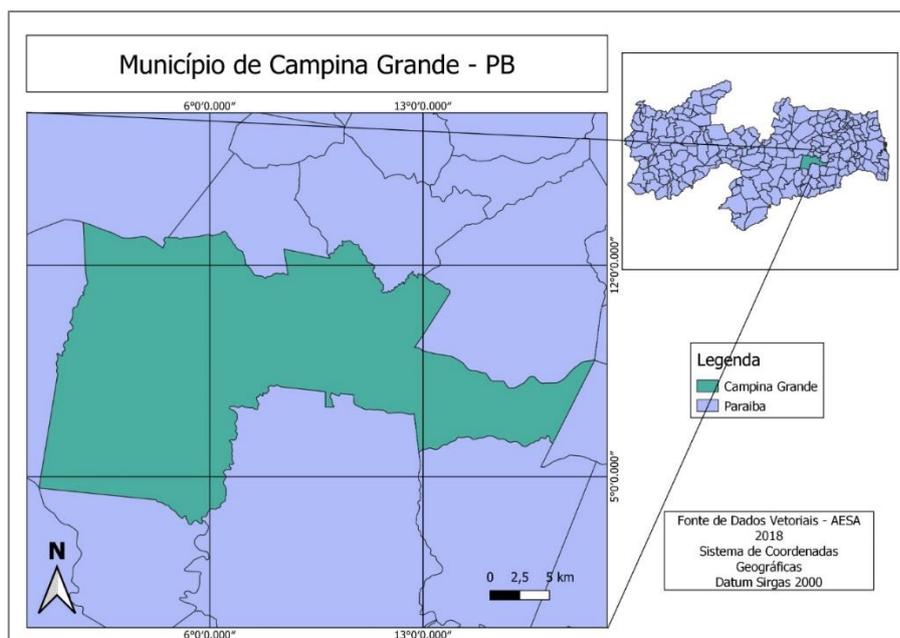
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização Geográfica da área de estudo

Campina Grande/PB está inserida no semiárido brasileiro, situada no agreste paraibano entre a Zona da Mata e o Sertão. Apresenta altitude de 560 metros acima do nível do mar, no que se chama de Planalto da Borborema. A cidade exerce influência econômica no estado da Paraíba, oferecendo serviços de educação, saúde, lazer, segurança, entre outros, às cidades circunvizinhas.

Considerada a segunda cidade mais importante da Estado, a mesma limita-se ao Norte com os municípios de Massaranduba, Lagoa Seca, Pocinhos e Puxinanã; ao Sul com Fagundes, Queimadas, Boqueirão e Caturité; ao Leste com Riachão do Bacamarte e Ingá; e ao Oeste com Boa Vista (IBGE, 2010). No censo de 2010, a sua densidade demográfica é de 648,31 (hab/km²) e sua população é de 385.213, estima-se que em 2020 a população atingiu 409.731 habitantes (IBGE, 2010). A Figura 01 apresenta a localização da cidade em estudo.

Figura 01: Mapa de Localização da Área de Estudo



Fonte: Elaboração do autor, Oniff Geoprocessamento (2022)

Campina Grande foi primitivamente uma aldeia de índios Cariris, que em 1697 foi ocupada pelo português Teodósio de Oliveira Lêdo, que fixou ali a tribo dos Ariás, iniciando-se, no ano seguinte, a catequese dos indígenas por um franciscano enviado pelo governador na Capitania. Como a futura cidade localizava-se entre o alto sertão e a zona litorânea, o aldeamento converteu-se rapidamente em povoado (IBGE, 2020). Já em 1790, transformou-se em vila sob a denominação de Vila Nova da Rainha (PMCG, 2021).

Na atualidade, destaca-se nos setores da educação e cultura, Campina Grande/PB é conhecida com a festa do Maior São João do Mundo que ocorre durante o mês de junho, o Encontro da Nova Consciência, o Encontro da Consciência Cristã, e o Crescer, que consistem em eventos religiosos que ocorrem na cidade durante o carnaval dentre outros. É conhecida como universitária com duas universidades públicas e diversos polos de faculdades particulares (GOMES, 2020). Sendo caracteriza como um polo tecnológico, está classificada dentre os 70 polos tecnológicos encontrado no país, que por sua vez também tem a melhor avaliação quando se trata de Cursos mais bem avaliados pelo Enade/MEC.

3.2 Caracterização da Pesquisa

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa tiveram como base uma pesquisa exploratória que visa, de acordo com Gil (2007), proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses descritiva, haja vista o interesse em evidenciar a utilização dos museus como recurso didático-pedagógicos nas aulas de Geografia, bem como uma Pesquisa Descritiva, que de acordo com Andrade (2002) baseia-se em observar os fatos analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem a interferência do pesquisador.

Para Gil (2007), este tipo de pesquisa tem como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis, o desenvolvimento prático da pesquisa foi impossibilitado, tendo em vista a suspensão das aulas presenciais na rede de

ensino estadual e o desenvolvimento do Estágio Supervisionado por meio de aulas remotas, ficando a análise aqui apresentada como uma proposta de trabalho.

Quanto aos procedimentos metodológicos adotados, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais, que de acordo com Gil (2007), a principal diferença entre ambas as pesquisas citadas, está na natureza das fontes utilizadas, enquanto a bibliografia faz uso da contribuição de diversos autores sobre determinado tema, a pesquisa documental utiliza materiais que não receberam um tratamento analítico.

Desse modo, recorreu-se a artigos referente a temática, Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC, e dissertações pertinentes ao tema. Pesquisas virtuais também serviram de embasamento para a concretização do estudo, optando por referenciais do período compreendido entre os anos de 2018 – 2022 nos resultados e discussões. No que tange à análise documental, buscou-se na Base Nacional Comum Curricular informações consideradas pertinentes ao tema aqui proposto, buscando, com isso, observar e analisar como os museus são inseridos nas propostas de ensino de Geografia. Para selecionar os museus que seriam alvos da pesquisa, foi realizada uma busca no site oficial do Governo Federal, em que foram listados dezenove museus existentes na Cidade de Campina Grande, conforme apresentado na Figura 02.

Figura 02: Pesquisa dos museus em Campina Grande/PB.



Fonte: Site museus.br³

Contudo, na listagem foram considerados 16 museus, tendo em vista que dois estavam com informações duplicadas (Museu Vivo da Tecnologia e o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande) e o outro denominado Museu do Homem do Curimataú localiza-se no município de Cuité/PB.

Com base nas informações fornecidas (Figura 02), realizou-se uma análise dos museus listados, de modo a selecionar os sete museus que seriam alvos de uma análise mais detalhada. Os museus foram mapeados de forma a auxiliar no processo de localização dos mesmos, utilizando para tanto a procura pelo Google Maps e consulta da descrição mais utilizada pelo servidor. Esses museus foram escolhidos levando em consideração três fatores:

- Acessibilidade aos portadores de deficiências (informada no site do Governo Federal pelos cadastrantes do museu);

³Disponível em:

[http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(event:\(keyword:'campina%20grande'\),global:\(enabled:\(space:!\) ,filterEntity:space,viewMode:list\),space:\(filters:\(En_Estado:!\(PB\)\),keyword:'campina%20grande'\)\)](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(event:(keyword:'campina%20grande'),global:(enabled:(space:!) ,filterEntity:space,viewMode:list),space:(filters:(En_Estado:!(PB)),keyword:'campina%20grande')))

- A importância histórico e geográfico (de modo que estes possam vir a ser utilizados como metodologia pedagógica em sala de aula) e, por fim,
- A característica de ser acessível financeira e fisicamente a Pessoa com Deficiência (como forma de alcançar um maior número de escolas e alunos).

De posse das informações, essas foram analisadas de forma qualitativa, que, de acordo com Sampieri *et. al.* (2006), procura coletar dados sem a necessidade de medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar as questões de pesquisa.

Por último, foi realizada uma reflexão sobre a importância pedagógica dos museus, elencadas possibilidades metodológicas de aplicabilidade do museu como recurso didático nas aulas de Geografia, levando em consideração no contexto local, bem como a BNCC.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Um olhar para a cidade de Campina Grande/PB: caracterização dos museus

O espaço do museu remete à memória e cultura de um povo, embasa a formação da identidade das pessoas, o patrimônio histórico e social de um grupo etc. Este ambiente existe desde que o ser humano começou a colecionar e guardar objetos considerados de algum valor em salas construídas com a finalidade de servirem para a exposição ao público (GONÇALVES, 2020).

Normalmente, quando voltado a educação (o museu como extensão do espaço escolar) as visitas aos museus são reservadas e mediadas por uma equipe que estimulam o público a conhecer os objetos, os detalhes e características do artista. Os funcionários expõem questões interessantes a serem discutidas, debatem as relações espaço temporais etc. Gonçalves (2020, p. 15) afirma que “estas dinâmicas são realizadas dentro do processo educativo não-formal que privilegia o envolvimento das pessoas pelo processo ensino-aprendizagem como uma relação prazerosa com o aprender em contextos não escolares”.

Dessa maneira, o aluno pode colocar em prática o conhecimento obtido em sala de aula e sobretudo, vislumbrar conceitos e construções ligadas a ser cidadão e reconhecer sua história através das exposições de museus de sua cidade, levando para seu dia a dia discussões relevantes aos temas obtidos durante essas aulas. O museu é uma construção memorial, no qual se cruzam várias visões de mundo, temporalidades, numa narrativa que fala com o público, relaciona-se e interage em tempo real (LIMA, 2021).

Buscando analisar a possibilidade de se trabalhar com museus nas aulas de Geografia no contexto da cidade de Campina Grande/PB, realizou-se um levantamento no site oficial do Governo Federal⁴ em que foi observada a existência de dezenove museus cadastrados, estando esses representados no Quadro 1.

Quadro 1: Relação dos museus existentes na cidade de Campina Grande/PB

Nº	NOME DO MUSEU	INSTITUIÇÃO	LOCALIZAÇÃO
01	Museu de História Natural - MHN/UEPB	Universidade Estadual da Paraíba	Av. Getúlio Vargas, S/N , Centro, 58400-052
02	Museu Digital de Campina Grande	SESI	Rua Miguel Couto, 10 , Centro, 58400-273,

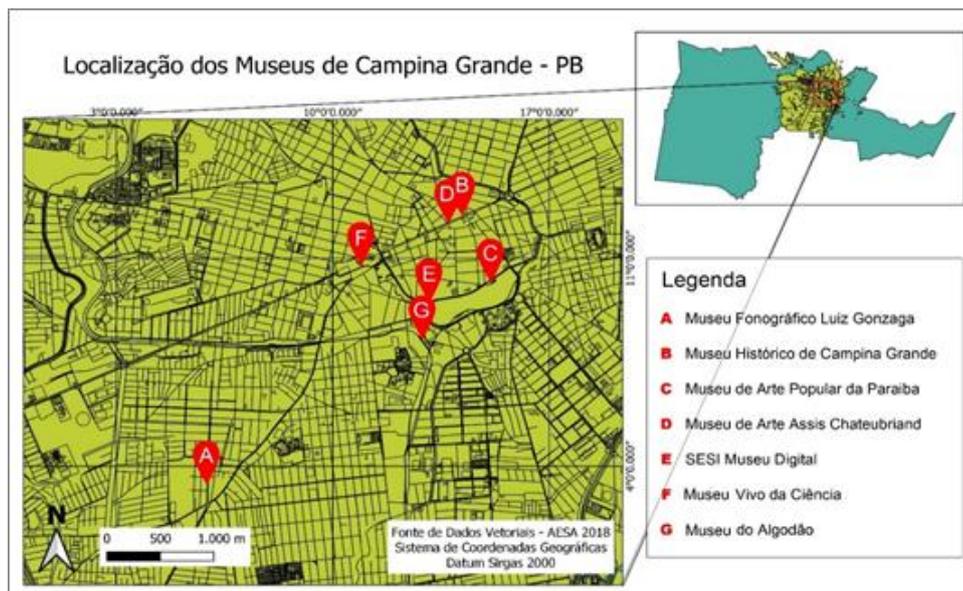
⁴<http://museus.cultura.gov.br>, janeiro, 2022.

03	Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC	Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – FURNE	Avenida Floriano Peixoto, 718 , Centro, 58400-180
04	Museu de Arte Popular da Paraíba - MAPP	Universidade Estadual da Paraíba	Rua Doutor Severino Ribeiro Cruz, s/n , Centro, 58400-258,
05	Museu Interativo do Semiárido	Universidade Federal de Campina Grande	Campus UFCG Aprígio Veloso 882, Bodocongó, 58429-900
06	Museu Assis Chateaubriand	Museu Público	Rua João Lelis, 581 , Catolé, 58410-140
07	Museu Padre Cícero	Museu Privado	José Pinheiro s/n, , 58400-180
08	Museu Vivo de Ciências e Tecnologia	Secretaria Especial de Tecnologia e Informática	Largo do Açude Novo s/n, Secretaria Especial de Tecnologia e Informática, Centro, 58100-000
09	Museu Fonográfico Luiz Gonzaga	Museu Privado	Avenida Presidente Costa e Silva 1304, Cruzeiro, 58415-710
10	Museu do Esporte José Aurino de Barros Filho	Museu Privado	Rua Josino Agra s/n, Vila Olímpica Plínio Lemos, José Pinheiro,
11	Museu de Minerais e Gemas do Centro Gemológico do Nordeste	Universidade Federal de Campina Grande	Rua Aprígio Veloso 882, Campus I/UFCG - Bloco BF, Bodocongó, 58429-900
12	Museu da Força Expedicionária Brasileira (Campina Grande)	31º Batalhão de Infantaria Motorizado – Exército Brasileiro	Rua XV de novembro, s/n, 31º BIMTZ, Palmeira, 58102-300
13	Museu Casa de Aluizio Afonso Campos	FURNE	Avenida Assis Chateaubriand s/n, Granja Ligeiro, Ligeiro, 58411-450
14	Memorial Severino Cabral	Museu Privado	Rua Santa Clara, 1, Campina Grande, 58400-170
15	Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande	Prefeitura Municipal de Campina Grande	Avenida Floriano Peixoto 825, Centro, 58100-000
16	Museu de História e Tecnologia do Algodão	Prefeitura Municipal de Campina Grande	Rua Benjamin Constant, s/n , Centro, 58410003

Fonte: <http://museus.cultura.gov.br>

Para fins de realização da presente pesquisa, levando em consideração o número considerável de museus levantados, foram selecionados os museus que apresentam maior acessibilidade e ao público e seu valor histórico, conforme critérios especificados no item referente a Caracterização da Pesquisa (ver item 3.2), totalizando sete museus de um total de dezesseis. Buscando uma melhor visualização da localização das unidades alvos da pesquisa, foi realizado um mapeamento destas, conforme apresentado na Figura 03.

Figura 03: Localização dos Museus selecionados para a pesquisa



Fonte: Elaboração do autor, Oniff Geoprocessamento, 2022.

O museu como um universo de exercício da história pública (LIMA, 2021) permite à sala de aula inovar-se e aproximar-se da realidade do seu aluno. Abaixo tratar-se-á da caracterização dos museus selecionados, tendo como referência as unidades destacadas na Figura 3, a saber:

(A) Museu Fonográfico Luiza Gonzaga: Foi fundado pelo professor José Nobre de Medeiros (UFCG) no ano de 1992, possui um grande acervo de Luiz Gonzaga, assim como de outros artistas do Brasil e outros países (Marinês, Elba Ramalho, José Ramalho entre outros). No momento encontra-se desativado, situado na Avenida Costa e Silva, 1304 (ver Figura 04).

Figura 04: Museu Fonográfico Luiza Gonzaga



Fonte: <http://museus.cultura.gov.br/>

(B) Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande: construído em 1812 no Centro da cidade, mais precisamente na Avenida Marechal Floriano Peixoto nº 825. O imóvel foi tombado pelo IPHAEP em 2001. Ao longo da história, o prédio já serviu de Câmara Municipal, Cadeia Pública e Estação Telegráfica, passando a funcionar como museu em 1980, quando abriga a história da cidade com toda a documentação

pública da Prefeitura disponíveis para consulta bibliográfica. A Figura 05 apresenta a fachada do citado museu.

Figura 05: Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande/PB



Fonte: <http://museus.cultura.gov.br/>

(C) Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP): O Museu dos Três Pandeiros, como é popularmente conhecido, devido às suas estruturas circulares (ver Figura 06), foi uma obra projetada pelo escritório de Oscar Niemeyer. Está localizado no Açude Velho, um dos cartões postais da cidade, se encontra tombado segundo/ a partir da Lei nº 9040/09 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). O visitante, além de contemplar a paisagem, pode consultar as origens e miscigenações da cultura popular nordestina, para isso seu acervo contempla as áreas da música, literatura, xilogravura e do artesanato.

Figura 06: Museu de Arte Popular da Paraíba (MAAP)



Fonte: <http://blogpranchetadearquitecto.com/>

(D) Museu de Arte Assis Chateaubriand (FURNE): O nome é uma homenagem ao jornalista e um dos personagens mais influentes de sua época no campo da comunicação e por promover a arte pelo país. A princípio, ele foi chamado de Museu de Arte de Campina Grande, depois Museu Regional de Arte Pedro Américo e, em 1980, foi escolhido o nome definitivo.

O acervo é composto por mais de 400 obras de arte, incluindo desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, colagens, entre outros. (<http://www.conhecendomuseus.com.br/>). A Coleção Assis Chateaubriand, com 120 obras, pode ser vista em parte no Prédio

Histórico da Reitoria. Atualmente, o acervo conquistou exemplares que mostram as artes visuais da Paraíba. A Figura 07 apresenta a fachada do museu, que se localiza em uma das principais ruas do centro da cidade, a Avenida Floriano Peixoto.

Figura 07: Museu de Arte Assis Chateaubriand (FURNE)



Fonte: <http://www.conhecendomuseus.com.br/>

(E) Museu Digital do SESI: inaugurado em 2017, a proposta deste museu é uma viagem virtual pela história de Campina Grande. Também localizado às margens do Açude Velho, conforme apresentado na Figura 08, conta com o primeiro andar do monumento em homenagem ao Sesquicentenário de Campina Grande, o espaço conta com equipamentos tecnológicos e culturais que retratam a história da cidade com experiências interativas. Lima (2021, p. 5) afirma que “o Museu Digital nos possibilita mergulharmos numa experiência diferente a partir da tecnologia, da informática, da exposição midiática para se pensar em formas alternativas de recompor a história de Campina Grande”.

Figura 08: Museu Digital do SESI



Fonte: g1.com.br

(F) Museu Vivo de Ciência e Tecnologia: localizado às margens do Açude Novo, foi criado em 1992, onde funcionava a antiga Boate Discovery da década de 1980, é vinculado a Prefeitura Municipal, sendo uma coordenadoria da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, e tem como objetivo promover e disseminar, por meio da cultura científica a história e contribuição da cidade de Campina Grande no setor tecnológico nacional. Fato este que merece importância, levando em consideração o destaque da cidade de Campina Grande no setor tecnológico e científico, tendo

visibilidade nacional em registros de patentes e inovações. O museu pode ser observado por meio da Figura 09.

Figura 09: Museu Vivo de Ciência e Tecnologia



Fonte: pbtur.com.br

(G) Museu do Algodão: Organizado no ano de 1973, está localizado na antiga estação ferroviária de Campina Grande, imóvel tombado pelo IPHAEP em 2001, sendo este representado na Figura 10. Seu acervo anteriormente pertencia à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA – Setor Algodão, mas após a reforma de ampliação e restauração realizada em 2001, o maquinário e acervo até então emprestado, foi doado definitivamente ao Museu, e sua guarda passou para a gestão do município (GONÇALVES, 2020). Tal acervo é composto, além do maquinário, por utensílios usados no processo de produção e fabricação do algodão, somados à alguns modelos e como são desenvolvidos (GONÇALVES, 2020).

Sobre a importância da preservação do Museu do Algodão, Cabral Filho afirma que “expressa também um desejo de transformar a velha estação em um espaço de cultura para celebrar uma memória triunfante, cuja as origens remontam a um tempo pretensamente áureo de riquezas e grandes ganhos com o comércio algodoeiro internacional” (2014, p.2).

Figura 10: Museu do Algodão – Estação Velha



Fonte: g1.com.br

Diante do que foi exposto, embora não haja divulgado na internet o acervo de todos os museus apresentados, nota-se que é rica e relevante a exploração do conhecimento que esse patrimônio histórico e cultural pode trazer para os alunos, quando introduzido em sala de aula como um recurso metodológico. Campina Grande ainda tem o diferencial de ser denominada cidade tecnológica, e possuir um dos museus com premiação nacional no aspecto de acervo tecnológico e interativo (Museu Digital do Sesi – Figura 08).

Desse modo, o objetivo da ação educativa voltada a visitação de museus e desenvolvimento da educação cultural e patrimonial é promover durante uma experiência de proximidade ao conteúdo exposto na escola. Isso, pois, além de preservar a memória daquilo que é apresentado, os museus desempenham função social, construindo conhecimento direcionado pelas reflexões geradas, promovendo a memória coletiva. Não se pode perder de vista o aproveitamento pedagógico que essa discussão pode gerar para compreensão da educação como teoria e prática (GONÇALVES, 2020, p. 21).

4.2 Trabalhando com o museu nas aulas de Geografia: uma proposta didático-pedagógica

As aulas de Geografia se aproximam bastante das aulas de História, diferenciando os objetos de estudo – espaço e tempo. Com isso, quando se fala em educação cultural e patrimonial as duas disciplinas podem contribuir bastante no processo ensino aprendizagem e fazer a utilização do museu como recurso didático.

No planejamento de uma visita ao museu, o conhecimento começa bem antes do contato com o espaço museológico. De início, devem ser trabalhados conceitos chave com os alunos, conceitos esses que os alunos já tenham ideia baseado no conhecimento empírico, como: caminhos, limites, bairros, percurso, processo histórico, cultura, acervo, pontos turísticos, dentre outros. Ao professor é requerido conhecimento prévio do acervo para que possa melhor orientar seus alunos na construção do conhecimento.

Na maioria das vezes, os alunos consideram como ponto turístico as praias, grandes monumentos, áreas verdes. No caso de Campina Grande pode-se falar também do Açude Velho, Açude Novo, o Parque do Povo entre outros espaços. Nesse momento, o conceito de museu e acervo histórico cultural pode ser inserido na pauta, junto a potencialidade da cidade para os aspectos tecnológicos. Assim, desmitifica que museu é de “coisas velhas”, e sim, museu são recortes históricos, memória de um povo que precisa perpetuar pelas diversas gerações. O museu como recurso pedagógico não visa ser somente uma atividade educacional, mas uma experiência sociocultural (GONÇALVES, 2020).

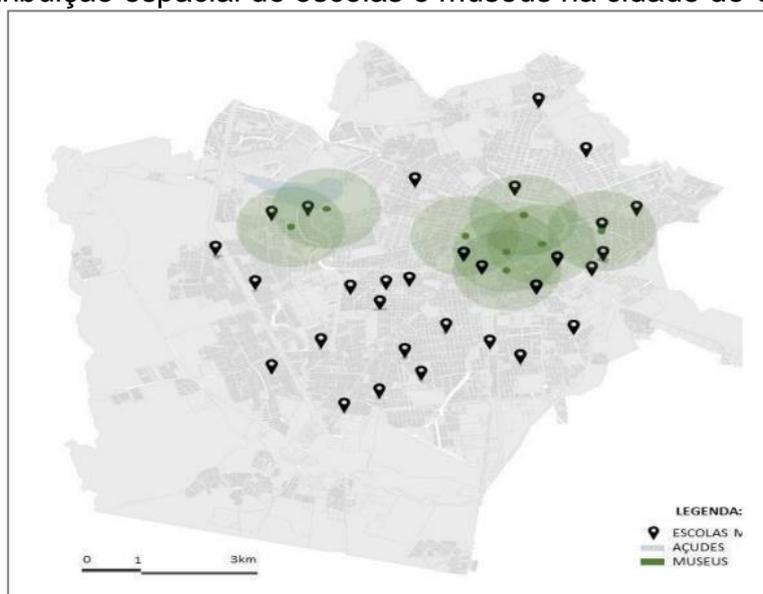
O papel do professor é indispensável na transformação de ideias pedagógicas em ações concretas nos museus, orientando a atividade aos seus alunos, voltadas à educação fora dos muros da escola. A educação patrimonial, iniciada pelas visitas aos museus, tem por objetivo valorizar os bens culturais materiais e imateriais viabilizando a construção de identidades, aumento da autoestima e reconhecimento destes bens (GONÇALVES, 2020, p. 41), certos de que não há identidade sem memória coletiva.

A curto prazo, uma visita ao museu pode representar pouco, mas ao longo dos anos e estímulos irá fomentar a construção de novos conceitos. A infraestrutura e corpo de funcionários do museu devem estar alinhados com a proposta da escola, de modo que invista nas atividades educativas, almejando que o sujeito se torne ativo e

de alguma forma sinta-se parte do conceito cultural/educativo proposto (GONÇALVES, 2020, p. 51).

No caso de Campina Grande, os museus estão em sua maioria no perímetro do centro da cidade, visto que foi onde está começando a se organizar territorialmente, o que pode facilitar a locomoção dos alunos até os museus, como pode ser observado na Figura 11, no qual sinaliza as escolas municipais e a presença de museus nas redondezas.

Figura 11: Distribuição espacial de escolas e museus na cidade de Campina Grande



Fonte: GONÇALVES (2020, p. 62).

A escolha dos museus por parte das escolas deve levar em consideração a logística de como chegar com seus alunos, analisando o percurso, acessibilidade, horários de funcionamento, segurança, etc. Durante todo o período de visita o professor deve atuar como mediador do grupo de discentes e do conhecimento que busca adquirir-se na experiência, ou seja, o museu será uma continuidade da sala de aula, no qual as discussões iniciadas sobre o acervo cultural e histórico aguça a percepção mental das falas e escutas.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o museu como recurso didático deverá possibilitar o raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial e cultural do indivíduo. Partindo dos princípios de conexão (um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes), de ordem (refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu), de analogia (um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros), dentre outros, os alunos podem associar, diferenciar, analisar e discernir sobre o acervo e a vida cotidiana que formou ao longo dos anos a história e cultura do seu grupo social.

Outro fator que o ensino de Geografia se apoia desde a difusão da BNCC são as competências dos alunos, e as aulas extraclasse (extraescolares) as quais possibilitam o desenvolvimento dessas competências, conforme apresentada no Quadro 2.

Quadro 2: Competências BNCC – Ensino de Geografia

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/ natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas
2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários

Fonte: BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, 2018.

Assim, a BNCC quando apresenta as competências e habilidades que os alunos precisam adquirir apoia, indiretamente, os novos recursos didáticos que auxiliam o professor na elaboração de aulas. Norteia o planejamento, os conteúdos, os objetivos e o processo avaliativo das atividades.

Como forma de contribuir para a discussão da utilização dos museus como uma possibilidade didático-pedagógica para as aulas de Geografia, buscou-se elaborar uma proposta de aula, relacionando os conteúdos trabalhados em Geografia a uma proposta metodológica utilizando o museu como recurso didático, levando em consideração o contexto local, sendo tais propostas apresentadas nos Quadros 03 e 04.

Quadro 03: Plano de Aula 01

Tema da Aula: Construção de Memórias Geográficas
Categoria(s) Trabalhada(s): Paisagem e Lugar
Público Alvo: 6° e 7° ano do Ensino Fundamental II
Unidade Temática: O sujeito e seu lugar no mundo
Objetos do Conhecimento: Identidade sociocultural
Habilidade da BNCC: (EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
Objetivo: Compreender a concepção de paisagem, conceito de permanência na paisagem e o lugar vivido como espaço de construção de memória.
Recursos Didáticos: <ul style="list-style-type: none"> • Imagens fotográficas da Cidade de Campina Grande (antigas e atuais)

<ul style="list-style-type: none"> • Acervo Museu Histórico e Geográfico • Acervo Museu do Algodão
<p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva e dialogada; • Rodas de conversas • Aulas extraclases (Museu Histórico e Geográfico e Museu do Algodão) • Pesquisa de Campo (Museu Histórico e Geográfico e Museu do Algodão) • Socialização da pesquisa de campo
<p>Desenvolvimento:</p> <p><u>1º momento:</u> apresentação do conteúdo para os alunos, de modo que estes possam ter acesso aos conceitos de paisagem e lugar, suas modificações e influências culturais por meio da interferência humana ao longo do tempo;</p> <p><u>2º momento:</u> rodas de conversas para que, com base nos conceitos previamente apresentados, os alunos possam expressar a sua compreensão diante do que foi estudado, buscando, com isso, um olhar para a percepção dos alunos e a correlação com o contexto local;</p> <p><u>3º momento:</u> socialização de imagens da cidade de Campina Grande/PB, trazendo o contexto da sua evolução histórica por meio de imagens que retratam o passado e o presente, despertando no aluno o olhar para as modificações realizadas na paisagem ao longo do tempo;</p> <p><u>4º momento:</u> Realização de Aulas Extraclases – nos museus- e da Pesquisa de Campo ao Museu Histórico e Geográfico, como forma de materializar as observações desenvolvidas em sala de aula por meio, inicialmente de uma abordagem conceitual e, logo em seguida, com o olhar e observação dos alunos para as imagens fotográficas disponibilizadas, podendo os mesmos além de imagens, ter um contato com objetos que contam um pouco da história local; Em seguida, o Museu do Algodão complementa a pesquisa de campo, com uma análise de um período considerado áureo para o desenvolvimento econômico da cidade e representatividade desta no cenário nacional e internacional.</p> <p><u>5º momento:</u> socialização da atividade desenvolvida, objetivando observar o conhecimento adquirido pelo aluno após a realização da Pesquisa de Campo, por meio das aulas extraclases.</p> <p>Processo Avaliativo: Observação da interação dos alunos ao acervo museológico, e a construção do conhecimento através das Habilidades da BNCC, avaliação deve ser mediante produções textuais, relatos de experiências, elaboração de amostras culturais de imagens feitas nas visitas aos museus.</p> <p>Fonte: Elaboração própria (2022).</p>

Quadro 04: Plano de Aula 02

Tema da Aula: Construção de Memórias Geográficas
Categoria(s) Trabalhada(s): Paisagem e Lugar
Público Alvo: 9º ano do Ensino Fundamental II e Ensino Médio
Unidade Temática: Mundo do trabalho
Objetos do Conhecimento: Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial
<p>Habilidade da BNCC: (EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.</p>
Objetivo: Compreender as mudanças advindas com a tecnologia e o papel de destaque da cidade de Campina Grande no setor de computação, tecnologia e inovação. Contudo, interligado a identidade cultural do processo de formação da população.
<p>Recurso Didático:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Laboratório de Informática

<ul style="list-style-type: none"> • Texto, reportagem contendo informações referentes a potencialidade do município de Campina Grande/PB • Museu do Algodão • Museu Vivo da Ciência e Tecnologia • Museu Digital (SESI)
<p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aula de expositiva e dialogada • Visita ao laboratório de informática • Leitura crítica e reflexiva sobre textos/reportagens referentes a potencialidade do município de Campina Grande/PB • Aulas extraclases • Pesquisa de Campo • Socialização das atividades desenvolvidas • Exposição sobre a evolução urbana e industrial de Campina Grande/PB
<p>Desenvolvimento:</p> <p><u>1º momento:</u> aula expositiva e dialogada para apresentação da temática a ser estudada, tendo como referência o livro didático adotado pela escola, fomentando uma apresentação conceitual para compreender os processos de transformações do espaço urbano, buscando trazer um olhar para o contexto local;</p> <p><u>2º momento:</u> visita ao laboratório de informática para realização de pesquisa, em grupo, a respeito das transformações observadas na sociedade urbana-industrial, em diferentes contextos geográficos, dentre eles, o contexto local;</p> <p><u>3º momento:</u> realização de leitura crítica e reflexiva de material de apoio complementar (texto/reportagem) retratando a realidade de Campina Grande, como forma de destacar a importância da cidade como polo tecnológico e uma cidade inovadora;</p> <p><u>4º momento:</u> Desenvolvimento de Aulas Extraclases para realização da Pesquisa de Campo, tendo como primeiro alvo o Museu do Algodão, que apresenta um acervo que conta um pouco da história industrial da cidade, por meio do algodão e sua fase áurea, ficando este conhecido como “ouro branco” e Campina Grande como a “Liverpool brasileira” tamanha era a sua importância econômica na época, bem como a chegada da primeira locomotiva, o que auxiliou no processo de escoamento da mercadoria; em seguida, como forma de complementar o olhar histórico, será realizada a visita ao Museu Digital, que faz um resgate histórico da cidade, fazendo uso, para tanto, de modernos recursos interativos e audiovisuais para possibilitar uma imersão na história do desenvolvimento social, econômico e humano da cidade de Campina Grande, por meio dos diversos recursos interativos que o museu dispõe.</p> <p>: Socialização das atividades desenvolvidas e do conhecimento adquirido pelos alunos por meio das etapas aqui apresentadas, sendo este momento materializado em uma exposição contando um pouco sobre a evolução urbana e industrial da cidade de Campina Grande, tendo como base a pesquisa realizada no laboratório de informática, bem como, com a pesquisa de campo por meio das aulas extraclases.</p>
<p>Processo Avaliativo: participação e envolvimento dos alunos em cada etapa da proposta aqui apresentada, e a construção do conhecimento através das Habilidades da BNCC, avaliação deve ser mediante produções textuais, relatos de experiências, elaboração de amostras culturais de imagens feitas nas visitas aos museus.</p>

Fonte: Elaboração própria (2022).

Dessa forma, ao retornar à sala de aula a avaliação deve ser mediante produções textuais, relatos de experiências, elaboração de amostras culturais de imagens feitas nas visitas aos museus etc. Esse *feedback* do conhecimento, ou seja, essa troca de informações obtidos nos museus, propiciam o fortalecimento da cultura, e sobretudo, a identificação pessoal e memória coletiva. Adquirindo assim o reconhecimento dos espaços habitados, criação de lugares e pertencimento, a

percepção da atuação do eu no mundo vivido, etc., tais aspectos trabalhados no componente geográfico.

Fazer uso do repertório patrimonial e imagético de um museu possibilita tornar a aprendizagem mais diversa quando relacionado à memória que o indivíduo deseja possuir. Assim, o professor amplia suas possibilidades em sala de aula e constrói conhecimento sobre a história e pertencimento dos alunos, que irão saber de onde vieram, onde estão e o potencial futuro que podem traçar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a importância do museu como recurso didático nas aulas de Geografia, no qual pode lançar uma atrativa para os professores, principalmente da Educação Básica, levando em consideração a relação entre o que é trabalhado na escola e na visita ao museu. Ao professor é requerido conhecimento prévio do acervo para que possa melhor orientar seus alunos na construção do conhecimento.

As obras sobre a temática foram diversas, quando se trata de museus em Campina Grande, mas tornou-se escassa quando busca-se a funcionalidade educacional dos museus da/na cidade. Este fato pode ser um entrave durante a formação teórica dos professores que desejam dinamizar suas aulas utilizando os museus como um recurso didático, pois por não haver muitos trabalhos voltados para a temática, acaba sendo necessário elaborarem suas próprias pesquisas e buscas acerca do tema para que possam planejar suas aulas.

A pesquisa teve como pretensão possibilitar ao leitor/educador uma visão mais ampla sobre a importância educativa do recurso didático dos acervos dos museus campinenses. Diante da complexidade da formação da cidade de Campina Grande ao longo dos anos, seus diversos museus com acervos que possibilitam ao visitante compreender e investigar por exemplo as produções tecnológicas o comércio e serviços entre outros fatores, que tais ambientes auxiliam no entendimento de conteúdos, onde os professores estariam dinamizando suas aulas, tornando-se para esses alunos um saber interativo, ajudando na compreensão do eu e do mundo, e pela busca de uma afinidade cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: novas práticas** 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2002

BAUMAN, Z. (2001) **A modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOURDIEU, P. (1988). **As regras da arte** São Paulo: Companhia das letras.

BORGES, Maria Eliza L. (Org.). **Inovações, coleções, museus**. Tradução de Soraia MacielMouls. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL **.Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. Disponível em: Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em: 03/03/2022

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. 1999.

CARVALHO, Cristina. Quando a escola vai ao museu/Cristina carvalho. -Campinas SP: Papyrus,2016

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP:Papirus, 2012. p. 45 – 47.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18.ed.Campinas, SP: Papyrus, 2013

CASTELLAR, S. M. V. **A formação de professores e o ensino de geografia**. Revista Terra Livre, v. 14, n.14, p. 48-57, 1999.

CORRÊA, Jhonatan Silva. Geografia Cultural: uma breve história. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 6, n. 1, p. 9-23, 2020.

CRUZ, M. P. **Interação Museu-Escola: uma análise da contribuição do ensino não formal à Escola**. Dissertação. Rio de Janeiro: Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente/IFRJ, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Ingrid Henrique. **Dinâmica Imobiliária E Transformação Da Paisagem Na Área Central De Campina Grande – Pb: o processo de verticalização em cidade média**. Campina Grande: Monografia Apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal da Paraíba. 2020. 52p. Disponível em: Acesso em: março, 2021.

GONÇALVES, Renata Carlos de Oliveira et al. **O museu como ambiente educativo: um estudo em Campina Grande-PB**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020, 143p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: Campina Grande**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/historico>. Acesso em: 20/03/2022.

EAGLETON, T. (2011). **A ideia de Cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Ed. Unesp.

LIMA, ThucaKércia Moraes. **HISTÓRIA PÚBLICA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NO MUSEU DIGITAL DE CAMPINA GRANDE**. ANPUH – Brasil, 31º Simpósio Nacional de História, 2021.

LOPES, M. (1991). “ **A favor da desescolarização dos museus**”, Educação e Sociedade, v. 40, dez. Campinas, pp. 443-455.

NASCIMENTO, Rosana. **O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu**. 1998. 121f. Dissertação Mestrado em Educação). ULHT, Universidade Federal da Bahia, 1998.

Sibelle Trevisan Disaró& Fernando A. Sedor: **Museus: origem, conceitos e atribuições**2017/Disponível em:https://www.researchgate.net/publication/339079772_Museus_origem_conceitos_e_atribuicoes/. Acesso 25/03/2022.

PESSANHA, J.A.(1996). “ O sentido dos museus na cultura”. Encontros e Estudos 2: o museu em perspectiva. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura \ Funarte \ Coordenação de Folclore e Cultura Popular, pp. 29-43.

PIMENTA, Selma Garrido (Org). Didática e formação de professore: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1996. _____ . O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez. 5ª ed. 2007.

PMCG, Prefeitura Municipal de Campina Grande. **História de Campina Grande**. Disponível em: <https://campinagrande.pb.gov.br/historia/>. Acesso: 20/03/2022.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Tradução de Guilherme João de FreitasTeixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação. Nestas férias, tenha uma aula de Geografia e história no Museu da Arte Moderna. Disponível em:<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nestas-ferias-tenha-uma-aula-de-Geografia-ehistoria-no-museu-da-arte-moderna>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

SAUER, O, C. A Morfologia da Paisagem. Carl O. Sauer. In: CORRÊA, R, L e ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**/ Organização Roberto Lobato Corrêa e ZenyRosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAUER, O, S. Geografia Cultural/ Carl O. Sauer. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). **Introdução à Geografia Cultural**/ Organização Roberto Lobato Corrêa e ZenyRosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VALENTE, M.E. (1995). “**Educação em museu: Público de hoje no museu de ontem**”. Dissertação de mestrado em Educação. Rio de Janeiro: DE-PUC.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar em caminhos sábios, permitindo não desanimar durante essa caminhada, ultrapassando todos os obstáculos que iam surgindo no decorrer da concretização desse sonho.

A Minha Mãe Salete que sempre está ao meu lado dando forças para seguir, lembrando-me do potencial e valor que habitam em minha essência, sendo meu ombro amigo nos dias difíceis, minha referência de amor. A Meu Pai Rivelino por ensinar que só crescemos quando persistimos no que acreditamos com princípios e valores, me ajudando nos momentos difíceis. Meu Irmão Rubens que com paciência e dedicação me ensina a viver com coragem e perseverança.

Aos Amigos que estiveram presente em minha vida durante está jornada, ajudando quando mais precisava, Aryelly Farias, Fernanda Mariano, Nayane Nunes, Samuel Silva e Francisco Messias.

A Professora Suellen por ter aceitado embarcar nessa jornada, sendo minha orientadora e companheira, sua dedicação e amizade foram de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a toda a banca examinadora, por aceitar participar da avaliação do meu trabalho e com ele contribuir.

Por fim quero agradecer a Universidade Estadual da Paraíba, por tudo que aprendi na minha formação profissional ao longo dos anos, com a dedicação que a instituição de ensino proporciona, e a todos que indiretamente auxiliaram nessa conquista.